

Saúde ataca automedicação

BRASÍLIA — O Ministério da Saúde quer reduzir em 70%, até o ano 2000, os elevados índices de automedicação no país. Para isso lançou um programa de conscientização, utilizando uma cartilha que já começou a ser distribuída a 800 mil donos de farmácia, médicos, balconistas e farmacêuticos. Mas há um detalhe curioso: a cartilha enviada aos farmacêuticos traz os sintomas e medicamentos para a maioria das doenças venéreas — o que pode estimular o balconista a sugerir algum tipo de tratamento, aumentando assim o índice de automedicação.

A Coordenadora do Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis, Lair Guerra, não acredita que a cartilha possa estimular a automedicação. “Absolutamente eu não acho. É um projeto para educar. Não tenho a expectativa de que este programa acabe com a automedicação de uma hora para outra. Então, se não podemos evitar a automedicação, pelo menos façamos com que a farmácia dê ao doente a medicação correta, para evitar o surgimento de anticorpos por uso de remédios em doses erradas”, disse Lair Guerra, defendendo maior fiscalização da Vigilância

Sanitária para diminuir a indicação incorreta de medicamentos.

Lair Guerra argumenta ainda que 70% da população brasileira tem o hábito de comprar remédios sem receita devido à deficiência do sistema de saúde pública e dos altos preços cobrados pela rede hospitalar privada.

“Sempre se consegue um remédio só relatando sintomas. Eu mesma já simulei sintomas e o balconista me receitou diversos remédios que não curavam”, contou Lair, alertando que doenças venéreas como sífilis e gonorréia podem causar distúrbios graves, como esterilidade e descontrole no sistema nervoso.

As cartilhas começaram a ser distribuídas em abril passado e custaram R\$ 250 mil aos cofres públicos. A continuação do projeto até o ano 2000 será garantida pela ajuda da indústria farmacêutica e do Conselho Federal de Farmácia, com os quais o Ministério da Saúde firmou acordos. Lair Guerra informou que, além disso, R\$ 24 milhões serão investidos este ano em centros de saúde especializados no tratamento de doenças sexualmente transmissíveis.